

# Marcação/não-marcação das formas *você* e *o(a) senhor(a)* via referêcia, paralelismo e tipo de relato

*Markedness/non-markedness in the forms 'você' and 'o(a) senhor(a)'  
by reference, parallelism and report type*

Raquel Maria da Silva Costa FURTADO\*  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Márluce COAN\*\*  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

**RESUMO:** À luz do Sociofuncionalismo, tratamos do comportamento variável entre *você* e *o(a) senhor(a)*, bem como dos reflexos do princípio da marcação na atuação dessas formas, considerando-se referêcia, paralelismo e tipo de relato. Os dados provêm de interações de 16 grupos focais, cada qual constituído por um informante-base, do qual coletamos os dados, e outros três informantes, um em relação simétrica e dois em relação assimétrica (superior e inferior), totalizando 64 participantes residentes em Cametá-PA. Obtivemos 182 dados de *você* e 38 de *senhor(a)*, os quais analisamos estatisticamente. A forma *você* é menos marcada, tanto em distribuição de frequência quanto em complexidade estrutural e cognitiva, pois ocorre em estruturas paralelas e em discurso de fala própria, o que remete a contextos menos opacos e de menor duração, portanto de menor densidade. Exceção feita à análise de referêcia, já que a forma *você*, embora não marcada, atua em contextos mais complexos, os de referêcia indireta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Você. Senhor(a). Variação. Princípio da marcação.

---

\* Professora do Curso de Letras - Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins (UFPA); Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Especialista em Estudos Culturais da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Graduada em Letras - Língua Portuguesa, pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá (UFPA). E-mail: [raqmaria@ufpa.br](mailto:raqmaria@ufpa.br).

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; Coordenadora do Projeto Línguas & Histórias; Pesquisadora do grupo SOCIOLIN-CE e Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2. E-mail: [coanmalu@ufc.br](mailto:coanmalu@ufc.br).

**ABSTRACT:** Based on sociofunctionalist assumptions we deal with the variable behavior between “*você*” and “*o(a) senhor(a)*”, as well as the reflexes form markedness principle in their performances, considering reference, parallelism and type of report. The data come from the relationship of 16 focal groups, each one constituted by a based-informant from which we collected the data and three others, one in symmetrical relationship and two in asymmetrical (upper and lower), totaling 64 participants from Cametá-PA. We obtained 182 data of “*você*” and 38 of “*senhor(a)*”, which were statistically evaluated. The form “*você*” is less marked, both in frequency and in structural and cognitive complexity, because it occurs in parallel structures and in own speech, which refers to less opaque and durative contexts, therefore, lower density contexts. Exception made to the reference analysis, because the form “*você*”, although not markedness, works in more complex contexts, those of indirect references.

**KEYWORDS:** “*Você*”. “*Senhor(a)*”. Variation. Markedness principle.

## Introdução

Este estudo volta-se para as formas de referência à segunda pessoa, em especial, para o uso alternado de *você e o(a) senhor(a)*, na função de sujeito no Português falado na zona urbana do município de Cametá-PA. Estabelece uma interface teórico-metodológica entre a Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e o princípio funcionalista da marcação (GIVÓN, 1995), associando vertentes cujo escopo está na análise da língua em uso, a qual abriga variação e mudança.

Por meio de análise em grupos focais, nos quais há diferenças entre os papéis sociais instituídos entre o informante-base e os demais informantes com os quais interage, objetivamos mostrar que as formas de tratamento do Português Brasileiro acompanham as transformações ocorridas no paradigma pronominal de segunda pessoa da língua falada. Algumas dessas referem-se à situação em que o pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa, *tu*, vem cedendo espaço ao pronome de tratamento *você* (ANDRADE, 2004; SANTOS, 2010; MODESTO, 2006; OLIVEIRA, 2007; ALVES, 2010; HERÊNIO, 2006 e COSTA, 2016). O diferencial desta pesquisa encontra-se em análise pouco explorada, a da relação entre *você/senhor(a)* de acordo com o princípio da marcação.

Ao estudar o sistema pronominal do português brasileiro, Menon (1995) demonstra que, até o século XIV, havia exigência de tratamento respeitoso por meio da forma *vós*, usada tanto para se referir a mais de um interlocutor como também em menção a um único interlocutor de posição social/hierárquica mais elevada. A autora demonstra que, no século XIV, e especificamente no século XV, houve a introdução de formas mais respeitosas ao lado de *vós*, como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade* e, por constituírem uma locução nominal substantiva, empregavam o verbo na terceira pessoa do singular.

Já no século XVI, o uso de *você* estendeu-se aos burgueses, razão por que essa forma pronominal foi perdendo o valor honorífico que possuía. No século XVIII, esta forma de tratamento passou a ocorrer em referência também a indivíduos de status social menos elevado, mas mesmo assim revestidos de algum prestígio social. O resultado disso foi a transposição dessa forma de tratamento a outras pessoas, sem a dignidade honorífica, o que propiciou, ao final do século XIX, o estabelecimento da forma *você* como tratamento entre iguais, o que indicaria um processo de descategorização do valor funcional de *você*.

No século XX, *você* recebeu uma apreciação positiva, caracterizando-se como forma de fino trato, chique, polida, o que perdura até hoje, pois o tratamento por “*você* encontra-se largamente expandido entre os portugueses de Portugal, sinal de que os valores depreciativos ou insultuosos que outrora o marcaram terão já desaparecido, ou estarão em vias de desaparecer.” (RODRIGUES, 2003, p. 351).

No Brasil, a forma *você* é usada para tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa. Todavia, Castilho (2010, p. 479) argumenta que, em regiões do Brasil onde *tu* é o tratamento mais frequente, “o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento”.

A forma *o(a) senhor(a)*, por sua vez, na Idade Média, como aponta Rodrigues (2003), era uma forma cortês, usada como sinônimo de rei, pois esse era considerado o primeiro dos senhores e, portanto, reivindicava por esse tratamento, exigido inclusive por meio de regulamento: “o rei regulamentava não só como ele próprio devia ser tratado por senhor, mas também quem assim o devia ou podia fazer” (p. 353).

Neves (2002) argumenta que as formas de tratamento sofreram acomodação pela fluidez semântica, por isso *o senhor* e *a senhora* oscilam, em português, entre seu significado oriundo do latim - *seniore* - ligado à classe dos substantivos, definindo um sujeito mais velho, e a marcação de “respeito, culturalmente ligada ao tratamento com pessoas idosas”. (NEVES, 2002, p. 178).

Em português brasileiro, está ganhando espaço em especial a forma *você*, com valor de pronome pessoal, o que gera, principalmente, na língua falada, uma reorganização no quadro desses pronomes. Observa-se, em função dessa mudança, a inserção dos pronomes de tratamento *você* e *o(a) senhor(a)* com valor semântico-pragmático de segunda pessoa, no quadro de pronomes-sujeitos do PB, organizando um novo paradigma pronominal, como observam Castilho (2010) e Bagno (2013). Perini (2010), no entanto, considera-os como “*pronomes pessoais*” no sentido de que se referem a um interlocutor, mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs (p. 115 – *grifos do autor*); também Cunha e Cintra (2008, p. 303-304), mesmo classificando *você* e *senhor(a)* como pronomes de tratamento, informam que *levam o verbo para a terceira pessoa*.

Considerando-se que *você* e *o(a) senhor(a)* carregam a semântica de poder em oposição a *tu*, verticalizamos nossa pesquisa para verificar se, de fato, *você* e *o(a) senhor(a)* estão coocorrendo, se estão concorrendo e se *você* está assumindo o papel de *o(a) senhor(a)* nas relações assimétricas. Nossa análise, também em direção verticalizada, prioriza três grupos de fatores: tipo de referência, paralelismo e tipo de relato, escolhidos por permitirem análise semântico-discursiva e propiciarem, portanto, demonstração de que nossas escolhas são motivadas por razões diversas, incluindo-se as de natureza discursiva.

Escolhemos o tipo de referência para investigar a significação atrelada às formas: ao competirem, pode ocorrer de uma das formas seguir em direção à codificação de referência específica e outra em direção oposta, a de referência genérica. Nossa hipótese está assentada no fato de que a forma *você* ocorre, mais frequentemente, em referência a um interlocutor indeterminado, portanto, com referência genérica. Optamos, outrossim, por investigar o paralelismo, para verificar a tendência à manutenção de estruturas paralelas na cadeia de fala, o que implicaria codificações com

menor densidade semântica e maior interconexão. Dessa guisa, nossa hipótese segue na direção da preferência por estruturas paralelas. Também o tipo de relato (fala própria no ato comunicativo ou fala reportada) foi um grupo escolhido para testar nossa hipótese sobre escolhas discursivas por duração fônica e densidade semântica, do que decorreria mais uso da forma *você* em fala própria, visando à caracterização do discurso como mais próximo, portanto, menos denso.

Isso posto, examinamos nas pesquisas sobre pronomes, que *tu* é mais frequente em algumas áreas das regiões Norte e Sul do país, por isso voltamos nosso olhar, neste trabalho, para os usos de *você* e *o(a) senhor(a)*, a fim de compreendermos as nuances que condicionam tais usos com base na conjugação entre análise variacionista, por meio de condicionamentos linguísticos, e análise funcionalista, por meio da correlação das variáveis linguísticas *referência*, *paralelismo* e *tipo de relato* ao princípio da marcação, temas que abordamos na seção teórica a seguir.

## **1. Pressupostos teóricos: uma interface entre teorias**

A perspectiva teórica basilar deste estudo é orientada pela Teoria da Variação (LABOV, 1972), que considera a língua como fato sociocultural, analisada no cerne de uma comunidade de fala, por meio da combinação da organização social e da estrutura linguística, para depreender-se e sistematizar-se o caminho da variação. Paralelamente, acrescentam-se contribuições teóricas do Funcionalismo, que concebe a língua como instrumento de comunicação e interação social, analisada “como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (CUNHA, OLIVEIRA e MARTELLOTA, 2003, p. 20).

Givón (1995) afirma que fatores discursivos, sociais, culturais, cognitivos e comunicativos, como também mudança e variação, podem influenciar na codificação da informação gramatical. Se a língua varia é porque os inúmeros fatores que influenciam o seu uso variam também, pois, para cumprir propósitos mais gerais, de que nem sempre se tem consciência, o sistema linguístico tem natureza adaptativa, pois é sensível às pressões do uso (GIVÓN, 2001). Essa constatação assenta-se em um conjunto de

premissas, contextualmente definidas, as quais caracterizam a visão funcionalista da linguagem (a estrutura serve a funções cognitivas ou comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, e sim motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes na língua; dentre outras). Os usos linguísticos, por conseguinte, revelam dois princípios básicos: o *princípio de iconicidade* e o *princípio de marcação* (GIVÓN, 1995).

Pelo princípio da iconicidade, compreende-se uma correlação transparente entre forma e função, isto é, a estrutura linguística de superfície reflete as funções semânticas e pragmáticas que a ela correspondem, assim como a forma gramatical correlaciona-se à função semântica ou pragmática de modo não-arbitrário (icônico). O princípio de iconicidade pode ser visto como crítica de Givón (1995) a um dos três dogmas centrais de Saussure, a doutrina da *arbitrariedade* do signo linguístico. A este princípio, Givón (2001) estabelece três subprincípios: da quantidade, da proximidade ou adjacência e da ordenação linear na cadeia predicativa de uma oração, de acordo com grau de importância e ordem de temporalidade dos fatos ou estado de coisas descritos.

Nesta pesquisa, ancoramos nossa análise, para a compreensão da alternância entre *você e o(a) senhor(a)*, em motivações funcionais regidas pelo princípio da marcação, que se refere à relação proporcional entre complexidade estrutural e complexidade cognitiva. Givón (1991) observa que a estrutura linguística proposicional tenderá a ser estruturalmente mais complexa, isto é, marcada, se em um dado contexto houver certas categorias de maior exigência cognitiva. Esse princípio é desmembrado em três subprincípios para distinguir categoria marcada de não-marcada: a) a complexidade estrutural prevê que a estrutura marcada tende a ser mais complexa, ou mais elaborada, que a não marcada; b) a distribuição de frequência preconiza que a categoria marcada é menos frequente que a não-marcada; c) a complexidade cognitiva refere-se ao fato de que a categoria marcada atua em contextos cognitivos mais complexos, por isso requer maior atenção e tempo de processamento, conseqüentemente, maior esforço mental (GIVÓN, 1990, p. 947).

Ao conjugarmos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006) a princípios do Funcionalismo (GIVÓN, 1995), enquadramos o viés analítico no âmbito do Sociofuncionalismo. Essa correlação vem a enriquecer a pesquisa, pois “nos oferece ainda mais ferramentas para que

cerquemos nosso objeto satisfatoriamente” (MAY, 2009, p. 70). Trata-se de conciliação assentada em premissas tais como (i) primazia à análise de situações reais de comunicação, (ii) visão da mudança linguística como processo contínuo e gradual e (iii) complementariedade entre os eixos sincrônico e diacrônico. A *frequência* das ocorrências é, igualmente, importante nesse diálogo para o estudo da difusão linguística e social da mudança (LABOV, 1972; BYBEE, 2007).

No Funcionalismo, o estudo da função ganha relevo na investigação das relações dos “diversos graus entre funções e formas no processo de ressystematização constante da língua e ao considerar motivações funcionais (e também estruturais) como subjacentes à organização da gramática” (TAVARES, 2003, p. 122). A Sociolinguística variacionista, por sua vez, possui como objeto central a estrutura linguística, na qual se busca descobrir as regras estruturais variáveis que incorporam os condicionamentos “linguísticos e sociais que influem na seleção das formas variantes (...) considerando motivações estruturais e sociais como subjacentes à organização da gramática, à variação e à mudança. (TAVARES, 2003, p. 122).

Dada a variação entre as formas de tratamento do Português Brasileiro, objetivamos verificar restrições funcionais que motivem tal alternância em referência ao mesmo estado de coisas (LABOV, 1978), alternância que pode representar intenções diferenciadas e práticas linguísticas diferenciadas. Conforme Lavandera (1978), a clássica pergunta laboviana “*por que alguém diz algo*” poderia ser interpretada como um *para quê*<sup>1</sup>? / *para que alguém diz algo*?<sup>2</sup> (p. 171), o que situaria a pesquisa sociolinguística dentro de um marco funcionalista, permitindo, segundo a autora, captar com mais propriedade os tipos de informação que as diferentes formas linguísticas podem comunicar.

Nossa pesquisa caracteriza-se como sociofuncionalista pelo fato de considerarmos uma regra variável, analisarmos probabilisticamente fatores de natureza semântico-discursiva e correlacionarmos os resultados ao princípio da marcação. Para Tavares (2003, p. 134), “o pressuposto básico para a constituição do sociofuncionalismo - ou de *um* sociofuncionalismo - é o de que algum traço funcional seja levado em conta,

---

<sup>1</sup> No original: “what for”.

<sup>2</sup> No original: “what does anyone say anything for?”

caso contrário não teríamos como justificar o funcionalismo do rótulo. (...) O mesmo é válido para a parte *sócio-* do rótulo: algo terá de vir da sociolinguística, sejam aspectos metodológicos, achados quanto aos condicionamentos sociolinguísticos, princípios e explicações...”. Consideramos, na perspectiva laboviana (LABOV, 1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas, que têm o mesmo valor de verdade, ou seja, o mesmo significado (representacional), justificando a parte sócio do rótulo. A outra parte do rótulo decorre da natureza das variáveis investigadas bem como de um princípio que as subjaz, o princípio da marcação.

## 2. Procedimentos metodológicos

Tendo em vista nossa opção teórica, partimos do método indutivo (de base empirista, conforme Lakatos; Marconi, 2011) e desenvolvemos uma pesquisa tanto descritiva (por observar e sistematizar fatores condicionantes do comportamento variável de *você* e *o(a)* e *o(a) senhor(a)*) quanto explicativa (por justificar a influência de um ou outro fator mediante correlação dos resultados ao princípio funcionalista de *marcação* (GIVÓN, 2001).

Para a coleta de dados, optamos por “pesquisa de campo”, para captar a língua em uso. Procedemos à aplicação da técnica do Grupo Focal<sup>3</sup>, pois o objeto de análise (tratamento por *você* ou por *senhor(a)*) pode ser mais fielmente coletado em interação face a face, situação que suscita tais usos, com maior expressividade, similarmente a contextos de fala tecidos em redes de relações sociais cotidianas. Cada interação durou, em média, de 30min (trinta) a 1h30min (uma hora trinta minutos). Note-se que, em entrevistas, por exemplo, encontraríamos usos de *você/senhor* dirigidos somente ao entrevistador e não a diferentes pessoas, além, é claro dos usos reportados, presentes em ambos os casos (grupo focal e entrevista).

Foram 16 (dezesesseis) gravações de situações interacionais face a face, que envolveram a participação de um grupo focal, cada qual constituído por 04 participantes, sendo um o informante-base e os outros três os sujeitos com os quais o

---

<sup>3</sup> Grupo de discussões, que, sobre um tema ou tópico específico, dialoga. Segundo Backes *et al* (2011, p. 438), quando se busca caracterizar o Grupo Focal, “pode-se argumentar que se trata de uma entrevista em grupo, na qual a interação configura-se parte integrante do método”.

informante-base interagiu, totalizando 64 falantes envolvidos na amostra, todos pertencentes à zona urbana do município de Cametá-PA.

Creemos, como Labov (2001), na existência de condutores/líderes da mudança, os quais, por ocuparem posições centrais em certas redes de relações e terem prestígio na comunidade, podem transferir traços de sua linguagem a outros membros da comunidade, influenciando usos linguísticos, ações, comportamentos e opiniões. Para localizar esses condutores, os quais caracterizamos como informantes-base, realizamos uma enquete com moradores da zona urbana do município de Cametá-PA, em busca de *profissionais de maior status social* (seja por fator financeiro ou por importância social para Cametá). Os outros três interlocutores de cada grupo focal foram selecionados a partir de uma rede de relações sociais entre eles e o informante-base, em conformidade aos princípios da *semântica do poder*<sup>4</sup> e da *semântica da solidariedade*<sup>5</sup> (BROWN e GILMAN, 1960, p. 257-258). Dessa guisa, os grupos focais foram assim configurados: um informante-base; um interlocutor de *relação assimétrica superior*; um *interlocutor de relação assimétrica inferior* e um interlocutor de *relação simétrica*.

Para análise estatística dos dados pelo GOLDVARB X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), consideramos somente os usos de *você e o(a) senhor(a)* proferidos pelos informantes-base. Com a aplicação desse método, buscamos pesos relativos de três variáveis intervenientes: tipo de referência, paralelismo estrutural e tipo de relato, considerando-se os pesos acima de 0,50 como indicadores de estruturas menos marcadas, mais frequentes e, portanto, menos complexas.

Como aludido na introdução, a escolha das variáveis referência, paralelismo e tipo de relato decorre de uma pretensão verticalizada, a de considerar fatores de natureza semântico-discursiva articulados ao princípio cognitivo da marcação. Embora a hierarquia entre os informantes tenha sido cuidadosamente considerada, o foi para validar os dados como propícios da comunidade em situação interativa, já que em outros corpora (de entrevistas, por exemplo), os dados, em geral, são de fala reportada. Quando decorrem de fala direta, dirigem-se a um único interlocutor, o entrevistador.

---

<sup>4</sup> “mais velho que”, “pais do”, “empregador do”, “mais rico do que” e “mais nobre do que” ou “mais poderoso do que” [e desconhecido do].

<sup>5</sup> “participou da mesma escola [amigos, colegas, casados]” ou “tem os mesmos pais” ou “exerce a mesma profissão”.

Toda a técnica de grupo focal aqui demonstrada visou à validação de nossos dados. Devido à ortogonalidade entre informantes, as mesmas chances foram dadas à ocorrência dos dados.

### 3. Você e o (a) senhor(a) - o princípio da marcação em análise

Como esta pesquisa envolve falantes que desempenham, na sociedade cametaense, papéis de elevado *status*, interagindo com falantes de status superior e/ou inferior, objetivamos verificar, a partir da comparação entre *você* versus *o(a) senhor(a)*, pronomes tomados como indicativos da semântica de poder pelos estudos sociolinguísticos, se, de fato, tais formas pronominais estão coocorrendo e concorrendo em um mesmo contexto funcional de comunicação, principalmente, se a forma *você* está assumindo o papel de *o(a) senhor(a)*.

Dos 16 informantes-base, que interagiram cada um com mais três informantes, escolhidos a partir das relações sociais mantidas com aqueles, obtivemos 220 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular *você* e *o(a) senhor*, sendo 182 dados de *você*, correspondendo a 82.7% da amostra, e 38 dados de *o(a) senhor(a)*, correspondendo a 17.3% dos dados da amostra, conforme disposição na tabela 1, abaixo:

**Tabela 1** - Frequência das formas pronominais de segunda pessoa – *você* versus *o(a) senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Forma pronominal de referência à segunda pessoa na função de sujeito</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>
<i>Você</i>	182/220	82,7%
<i>o(a) Senhor(a)</i>	38/220	17,3%
<b>Total dos dados</b>	220	

Fonte: própria

Com base em pressupostos teóricos do Funcionalismo, atrelados à noção de variação da Sociolinguística laboviana, examinamos restrições funcionais que pautam a alternância entre *você* e *o(a) senhor(a)*, cujos resultados estatísticos conduzem à

caracterização da forma *você* como menos marcada, de acordo com o subprincípio da *distribuição de frequência*: formas linguísticas *marcadas* tendem a ser menos frequentes do que as não-marcadas (GIVÓN, 1993; 1995). Portanto, apoiando-nos em resultados probabilísticos, observamos que o pronome *você*, ao apresentar maior expressividade de uso, 82,7%, é menos marcado, ao passo que *senhor* e *senhora*, com 17,3% de frequência, constituem formas *marcadas*. Corroboramos este o subprincípio da complexidade estrutural, já que a forma *você* é a menor.

As constatações iniciais sobre marcação seguem pelo crivo de três fatores linguísticos: referência do pronome, paralelismo estrutural e tipo de relato, os quais foram testados quantitativamente pelo GOLDVARB e selecionados como estatisticamente reguladores da variação entre *você* versus *o(a) senhor(a)*. Nossa análise do princípio da marcação decorre de premissa givoniana (GIVÓN, 1995) acerca de sua relevância em tendências de mudança ou de estabilização linguística, já que a estrutura marcada tende a ser maior (complexidade estrutural), menos frequente (distribuição de frequência) e mais complexa (complexidade cognitiva), requerendo mais atenção e tempo de processamento (GIVÓN, 1990).

O grupo de fatores *tipo de referência do pronome* apresentou-se como o mais proeminente condicionador da forma *você*, por ser o primeiro selecionado pelo programa estatístico. Pautamo-nos no conceito de *frame*, proposto por Goffman ([1974] 2006), para caracterizar esse grupo, considerando-se as diferentes perspectivas/referências que cada sujeito assume subjetivamente durante a situação comunicativa, consciente ou inconscientemente. Idealizamos a constituição desse grupo com base em extremos de um suposto *continuum* (conforme figura 01): de um lado está o endereçamento específico/direto; de outro, o endereçamento indireto a um indivíduo/grupo.

Aludimos aos extremos nesta análise, mas cientes de que há um *continuum*, já que uma referência específica/direta pode envolver um sujeito mais/menos ativo no processo de comunicação; igualmente, uma referência indireta pode envolver sujeitos em diferentes graus de distanciamento, de modo que a referência indireta a um grupo, por exemplo, poderia ser a grupos mais/menos conhecidos do falante ou do interlocutor. A referenciação indireta pode ser caracterizada como “digressão conversacional”, nos

termos de Modesto (2006, p. 96). É, então, possível identificar a qual interlocutor o falante se dirige, embora ele não se encontre naquela situação comunicativa. O *continuum* de referenciação é tema de considerável relevo aos estudos funcionalistas, configurando-se como possível desdobramento desta pesquisa; demandaria, no entanto, outras análises via testes de percepção para categorização das referências indiretas por graus de distanciamento, o que não foi nosso propósito ao coletarmos os dados.

**Figura 1** – Tipo de referência

Referência direta a um indivíduo > (...) > Referência indireta a um indivíduo ou grupo

Os dados, em valores percentuais de uso de *você* são de 94.1% e nível de significância de **0,792** em *referência indireta a um indivíduo* ou a grupo (conforme exemplo 01), indicando que quanto mais generalidade, maior a probabilidade de uso da forma *você*, pois de um total de 220 ocorrências, apenas 22 formas de *você* foram usadas em referência específica ao interlocutor (como ilustra a tabela 2). Na mesma linha de observação, porém em direção contrária, ao tratar-se de referência direta, é perceptível o desfavorecimento de *você* (44% e 0,011 de peso relativo) em detrimento de *senhor(a)*, como mostra o exemplo 02.

**Tabela 2** – O efeito da referência no uso de *você*<sup>6</sup> versus *senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

Referência do pronome	Aplicação/ Total	Porcentagem	Peso Relativo
Referência indireta a um indivíduo/grupo	160/170	94.1%	<b>0,792</b>
Referência direta/específica ao indivíduo	22/50	44%	0,011
<b>Total de dados</b>	182/220		

Fonte: própria

(1) ... e ai aquela velha história ... tipo assim ai o pai cobrando minha filha ... **você** tem

<sup>6</sup> Valor de aplicação considerado na análise estatística e representado pelos números nesta e nas tabelas que seguem no texto. Isso implica dizer, por exemplo, que de 170 dados de referência indireta, 160 são da forma *você* ao passo que, dos 50 dados de referência direta, 22 são da forma *você*.

que estudar ... **você** tem que ter uma profissão... (INFCAM13IIFA)<sup>7</sup>

(2) ... professora como **a senhora** vê essa questão? (INFCAM07IMB)<sup>8</sup>

A hipótese norteadora, agora confirmada, estava assentada no fato de a forma *você* ocorrer mais frequentemente em referência indireta a um interlocutor. Esse uso, no sistema linguístico da comunidade sob análise, aponta para especialização por especificação (cf. TAVARES, 2003) de *o(a) senhor(a)* para referência específica, ao passo que conduz à interpretação de *você* como forma em especialização por generalização (cf. HOPPER, 1991), já que, além de ser usado para referência direta/específica também o é para referência indireta.

Dada a recorrência de *você* em contextos de referência indireta a um interlocutor/grupo, pode-se deduzir a atuação do princípio da expressividade retórica, na acepção de Dubois e Votre (2012), considerando-se que a forma não marcada *você* atua em contextos mais marcados, os de referência indireta, mais complexos cognitivamente. Essa correlação entre forma não marcada e contexto marcado revela equilíbrio entre tarefas, quais sejam: as de codificação e de cognição.

Duas constatações decorrem desse resultado: a) *você* pode ser utilizado em situação de dispensa de um interlocutor determinado e real, suportando, inclusive, o enquadramento de um interlocutor em situação comunicativa hipotética; b) *o(a) senhor(a)* é estratégia de referência específica (observação atestada pela baixa produtividade de *você* nessa função). Portanto, a utilização de *você* em referência genérica, no sistema linguístico da comunidade sob análise, é indício de especialização de *o(a) senhor(a)* para referência específica.

Em relação ao paralelismo estrutural, conforme dados expostos na tabela 3, observa-se que o emprego de *você* é acentuado quando “não primeiro da série ou precedido por ele mesmo”, com percentual de 99% e peso relativo de 0,844.

---

<sup>7</sup> Informante cametaense, número 13, faixa etária adulta, feminino e Ensino Médio.

<sup>8</sup> Informante cametaense, número 07, faixa etária jovem, masculino e Ensino Superior.

**Tabela 3** – O efeito do *paralelismo estrutural* no uso de *você versus senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Paralelismo Estrutural</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Não primeiro da série, precedido por <i>você</i>	99/100	99%	<b>0,844</b>
Primeiro item da série, não precedido por forma pronominal, ou não primeiro da série precedido por <i>tu</i>	52/58	89.7%	0,359
Não precedido de forma pronominal, isolado na oração	27/41	65.9%	0,218
Não primeiro da série, precedido por <i>o(a) senhor(a)</i>	4/21	19%	0,019
<b>Total de dados</b>	<b>182/220</b>		

Fonte: própria

Em uniformidade às ideias de Givón (1995), as estruturas gramaticais paralelas *você/você* (conforme exemplo 03) refletem uma relação motivada pela organização da gramática, visando à menor complexidade cognitiva. De igual maneira, poderíamos deduzir que a forma *o(a) senhor(a)*, pelo desfavorecimento de *você* (peso relativo de 0,019), não primeiro da série, ocorre mais acentuadamente precedido de igual forma: *o(a) senhor(a)*, conforme ilustrado em (04). Portanto, formas linguísticas com funções muito próximas, ou com a mesma função, são dispostas, com maior proximidade no discurso, tendo em vista, cognitivamente, tornar o contexto de fala menos opaco e agilizar seu processamento, seja do ponto de vista da produção, seja da compreensão.

(3) Tudo qui a gente faz vai repercutir ... no nomi da empresa ... né! *você* ... quando ... quando **você** vem pra cá ... **você** não passa ... **você** passou a não ser a Maria simplesmenti ... (...) na rua é ... né! ... e **você** né?! (INFCAM15IIFB)<sup>9</sup>

(4) ... se *o senhor* quiser falar algumas críticas ... alguns pontos positivos sobre a pesquisa desenvolvida aqui e agora ... **o senhor** pode falar (INFCAM06IFA)<sup>10</sup>

Analisando, por conseguinte, os fatores do grupo *tipo de relato*, ilustrados em (5) e (6), constatamos, relativamente ao uso de *você*, oposição, ao considerarmos discurso do próprio locutor, na interação face a face, e discurso relatado, com peso de

<sup>9</sup> Informante cametaense, número 15, faixa etária adulto, feminino e Ensino Superior.

<sup>10</sup> Informante cametaense, número 06, faixa etária jovem, feminino e Ensino Médio.

0,732 e 0,014 respectivamente, conforme tabela 4.

**Tabela 4** – Efeito do tipo de relato no uso de *você versus senhor(a)* no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA).

<b>Tipo de relato</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Peso Relativo</b>
Fala própria (no ato comunicativo)	150/178	84%	<b>0,732</b>
Fala reportada - do próprio falante e de terceira pessoa	32/42	76%	0,014
<b>Total dos dados</b>	182/220		

Fonte: própria

O fator “fala própria” refere-se ao discurso autêntico, formulado no momento do ato comunicativo. Não se confunde com referência específica (fator do grupo testado anteriormente), já que o intuito aqui é captar a interferência do relato e não da significação da forma. Note-se que, em fala própria, o uso de *você* pode ocorrer especificamente (em relação ao interlocutor presente no ato comunicativo) ou genericamente. Por sua vez, o fator fala reportada capta usos provenientes de outros atos discursivos, os quais podem ter sido do próprio falante ou de outrem. O fator “fala própria”, conforme hipótese, motivaria o uso da forma *você*, o que foi comprovado pelos dados. Acredita-se que tal favorecimento surja do intuito de modificar distâncias impostas pelo traço de maior formalidade de *o(a) senhor(a)*, forma menos usada e, portanto, mais marcada na sociedade cametaense.

Por vezes, entretanto, apesar do distanciamento imposto pela situação conversacional, ocorre a forma *você*, opção que parece revelar um estágio intermediário de aproximação, se consideradas as formas *tu/você/senhor* em escala de menor a maior formalidade.

(5) Esse é um tema interessante quando **você** toca nisso porque realmente está bem carregado para o professor... hoje ... (INFCAM07IFB)<sup>11</sup>

(6) ...eu não sei o que era que ele tava fazendo ... quando foi um tempo ... ele voltou ... aí veio aqui ... ele voltou i veio aqui fazer a de novo sobrançelha dele ... ele falou pra ela ... ela falou naquele dia que a senhora tava fazendo a minha sobrançelha ... a **senhora**

<sup>11</sup> Informante cametaense, número 07, faixa etária jovem, feminino e Ensino Superior.

fez alguma coisa em mim... i ela tava orando nele ... ela sentiu que ele tava assim... ele falou naquele dia Deus me livrou de um acidente qui quase eu morro ... então as vezes é isso né?! ... (INFCAM05IFA)<sup>12</sup>

Crê-se que *você* em “fala própria” é forma menos marcada não somente pelo subprincípio da *distribuição de frequência*, mas também pelo subprincípio da *complexidade estrutural* e por constituir menor esforço *cognitivo*, pois, em comparação à fala reportada, o discurso direto tem menor duração fônica e menor densidade semântica. A fala reportada - do próprio falante ou de terceira pessoa – implica maior estrutura linguística, conduzindo, por vezes, a complexidades cognitivas decorrentes das relações entre constituintes textuais e/ou contextuais, ou seja, a fala reportada envolve um terceiro citado no texto ou conhecido dos interlocutores.

## Conclusões

Analisamos, neste estudo, as formas de referência à segunda pessoa, em função de sujeito, usadas na linguagem oral em Cametá-PA. Com base em três grupos de fatores linguísticos, quais sejam: referência pronominal, paralelismo e tipo de relato, avaliamos o status de marcação das formas variáveis *você* e *o(a) senhor(a)*, para esboçar um retrato dessa regra variável via princípio da marcação (GIVÓN, 1990, 1995).

Comprovamos, inicialmente, que a forma *você*, na correlação com *o(a) senhor(a)* é mais frequente, caracterizando-se como forma menos marcada, de acordo com o subprincípio da *distribuição de frequência* (GIVÓN, 1990; 1995). Na sequência analítica, verificamos que *você* é mais frequente em *referência indireta a um interlocutor ou grupo*, atuação que remete ao princípio da expressividade retórica (DUBOIS; VOTRE, 2012), pois a forma não marcada *você* atua em contextos mais complexos cognitivamente, os de referência indireta.

Também observamos, de acordo com o princípio do *processamento paralelo* (PAREDES SILVA, 1998), que um primeiro uso de *você* pode gerar efeito significativo

---

<sup>12</sup> Informante cametaense, número 05, faixa etária jovem, feminino e Ensino Médio.

na escolha desse pronome em construções subsequentes. A disposição em contiguidade/proximidade torna o contexto menos opaco, portanto, menos marcado (de acordo com o *subprincípio de complexidade cognitiva*). Igualmente, a tendência de uso de *você* em fala própria remete à não marcação, por ter, estruturalmente e cognitivamente, em comparação à fala reportada, menor duração fônica e menor densidade semântica.

Priorizando a análise da marcação por meio de fatores linguísticos, relações sociais ficaram à deriva nesta pesquisa, mas configuram-se como desafio/desdobramento a outras pesquisas que visem à complementação do que foi aqui investigado, especificamente, no que se refere à interferência das relações sociais de intimidade/proximidade entre os interlocutores. A consideração de redes sociais, por exemplo, pode suscitar novas descobertas de aplicabilidade destes pronomes na fala cametaense ou em outros falares, diferentes dos achados desta pesquisa.

As possíveis lacunas não minimizam, obviamente, o efeito desta pesquisa na descrição das formas de referência à segunda pessoa no Português Brasileiro, incluindo dados na região Norte à lista de outros resultados já encontrados pelo país.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2010.

ANDRADE, Adriana Lília Soares de. **A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2004.

BACKES, Dirce *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo: 2011; 35(4): 438-442.

BAGNO, Marcos. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. *In*: T. A. Sebeok, (ed.), **Style in Language**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960, p. 253-276. Disponível em:

< <http://mapageweb.umontreal.ca> > Acessado em: 04 jun. 2014.

BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Raquel Maria Silva. **A alternância das formas pronominais *tu, você* e *o(a) senhor(a)* na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELLOTA, Eduardo. (Orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In: VOTRE, S. J. A construção da gramática*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a Functional-Typological Introduction**. V.2. Amsterdam/Philadelphia: JohnBenjamins, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991.

GIVÓN, Talmy. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. *In: English Grammar: a functional-based introduction*. v. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

GIVÓN, Talmy. The functional approach to language and the typological approach to grammar. *In: Syntax – an introduction*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: los marcos de la experiencia**. Madrid: Siglo XXI, 2006.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. **Tu e Você em uma perspectiva intra-linguística**. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2006.

HOPPER, Paul J. On Some Principles of Grammaticization. *In*: TRAUGOTT Elizabeth. C.; BERND Heine (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991.

LABOV, William. The anatomy of style shifting. ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Social Factors: v. 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. – 6. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, v. 7, n. 2, August 1978, p. 171-182.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Work Papers em Linguística**, 10 (2), p. 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009. Disponível em: <https://periódicos.ufsc.br/index.php/>. Acessado em: 16/02/2013.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Letras, Curitiba, n. 44, p. 91-106. 1995. Editora da UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19069/12374>. Acessado em: 04/04/2012.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. **Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA**. Salvador, 2007.

PAREDES SILVA. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Rev. Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 121-138, jul./dez. 1998.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial,

2010.

RODRIGUES, David Fernandes. **Cortesia Linguística: uma competência discursivo-textual (formas verbais corteses e descorteses em Português)**. 2003. 510 f. Dissertação de doutoramento em Linguística – Teoria do texto. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa-PT: 2003. 510 f.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X – A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SANTOS, Viviane Maia dos. A constituição de corpora orais para a análise das formas de tratamento. *In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 9, 2010, Palhoça, SC.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. de Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.